

Coletivo #VoteLGBT

# Pesquisa “LGBTfobia no Carnaval de 2018”

Relatório estatístico, versão preliminar beta

Apoio: RuaLivre e Ben & Jerry's  
**Brasil**  
14/02/2018

# Capítulo 1

## Introdução e metodologia

O #VoteLGBT, com apoio do RuaLivre e da Ben & Jerry's, aplicou um questionário durante o carnaval de São Paulo buscando dados sobre violência e algumas opiniões dos foliões a respeito de política.

Acreditamos que seja importante coletar esses dados para buscar identificar quanto de realidade guarda o mito da liberalidade do carnaval.

O carnaval tem sido muito importante para a população LGBT. No passado, era o momento de aparecer e viver abertamente sua orientação sexual e identidade de gênero - ainda que por bem pouco tempo e de maneira ambígua, como indicou o pesquisador James Green no seu livro “Muito além do carnaval”.

Apesar dos avanços e de o carnaval manter esse caráter libertário, vemos muitos relatos de violência sofrida por mulheres (e) LGBT durante a festa, e de dificuldade de denunciar esses casos à polícia, que muitas vezes diminui e despreza as vítimas - e não só no carnaval. A pesquisa busca apreender melhor esses fenômenos e mostrar quão frequentes e comuns são.

Aproveitamos para perguntar também sobre apoio a reivindicações da comunidade LGBT e comportamento eleitoral. Nossa ideia é apurar a distância entre a adesão a demandas do movimento e como isso se traduz eleitoralmente.

Este documento é o relatório estatístico desta pesquisa.

### 1.1 Metodologia

A pesquisa foi realizada com entrevistas quantitativas realizadas em blocos de carnaval da região central da cidade de São Paulo. Os blocos foram escolhidos a partir do cadastro feito na Prefeitura Municipal<sup>1</sup> de forma a incluir tanto blocos de perfil LGBT como blocos de outras classificações. A amostragem foi feita de forma aleatória dentro de cada bloco.

O questionário incluiu um bloco de perguntas socioeconômicas, um bloco de perguntas sobre violência e LGBTfobia, e perguntas sobre apoio a causa LGBT e comportamento eleitoral.

Foram realizadas 1169 entrevistas, divididas no sábado dia 10/02 e segunda-feira

---

<sup>1</sup>A lista de blocos cadastrados está disponível em:  
<https://carnavalderua.prefeitura.sp.gov.br/programacao.html>

dia 12/02, entre as 10:00 e as 19:00 horas. A margem de erro máxima com confiança de 95% é de 2.8% para mais ou para menos.

As perguntas de conteúdo sensível foram preenchidas diretamente pelas entrevistadas e entrevistados, para diminuir o viés de resposta.

Os eixos das figuras indicam porcentagem de entrevistados, exceto quando anotado.

# Capítulo 2

## Resultados

### 2.1 Caracterização socioeconômica

A pesquisa foi realizada em quatro blocos identificados como de perfil LGBT (Minhoqueens, Agrada Gregos, Love Fest e Bloco do Vale), e nove blocos de outras identificações (Lua Vai, Tarado Ni Você, 77 Originais do Punk, Beat Loko, Não Serve Mestre, Ma-Que-Bloco, Pinga Ni Mim, João Capota na Alves e Filhos de Gil). No total, foram realizadas 458 entrevistas em blocos LGBT, 616 em blocos não-LGBT, e 95 entrevistas com pessoas que estavam de passagem ou encaminhadas para outros blocos.

A pesquisa indicou um perfil socioeconômico do público dos blocos de carnaval semelhante ao levantado pelo Observatório do Turismo e Eventos (OTE) em 2017<sup>1</sup>, mas com algumas diferenças importantes.

A proporção de entrevistados e entrevistadas que se identifica como “mulher” foi de 56%, enquanto a de “homem” foi de 43%. Essas proporções foram semelhantes às do OTE (54% e 46%, respectivamente), com 1.7% dos entrevistados e entrevistadas na presente pesquisa escolhendo as opções “travesti” ou outras, categorias ausentes na pesquisa da OTE. Ainda, 3.1% das mulheres na pesquisa se identificaram como transsexuais ou transgênero, assim como 4.1% dos homens.

A proporção de pessoas LGBT em cada bloco variou entre 10% (bloco Filhos de Gil) até 73% (bloco Minhoqueens). Os blocos identificados como LGBT tiveram uma proporção de pessoas LGBT consistentemente mais alta que os demais. No entanto, mais dois blocos não identitários apresentaram cerca de 50% de população LGBT (blocos Lua Vai e Tarado Ni Você), indicando que a população do carnaval de São Paulo tem uma forte componente LGBT.

Em outras questões socioeconômicas, vemos que a amostra da nossa pesquisa é razoavelmente mais jovem e de renda superior à da pesquisa do OTE, o que pode ser explicado pela região na qual a amostragem foi conduzida. Também é possível notar que a amostra tem uma alta incidência de pessoas com ensino superior (completo ou incompleto) e que não frequentam nenhuma religião. No entanto, 48% dos entrevistados frequenta alguma religião, sendo que 36% frequenta uma religião cristã (católica, evangélica ou espírita).

---

<sup>1</sup>[www.observatoriodoturismo.com.br/carnaval-paulistano-2017](http://www.observatoriodoturismo.com.br/carnaval-paulistano-2017)

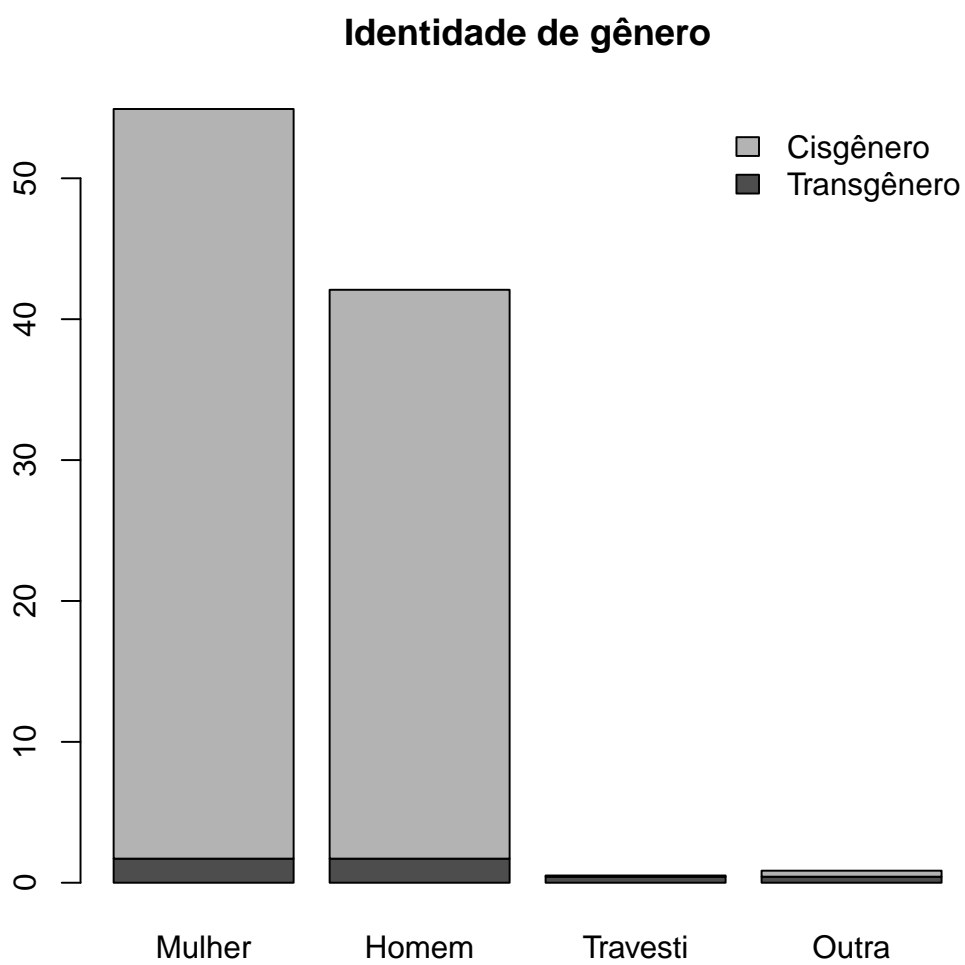


Figura 2.1: Perfil socioeconômico das entrevistas e entrevistados: identidade de gênero

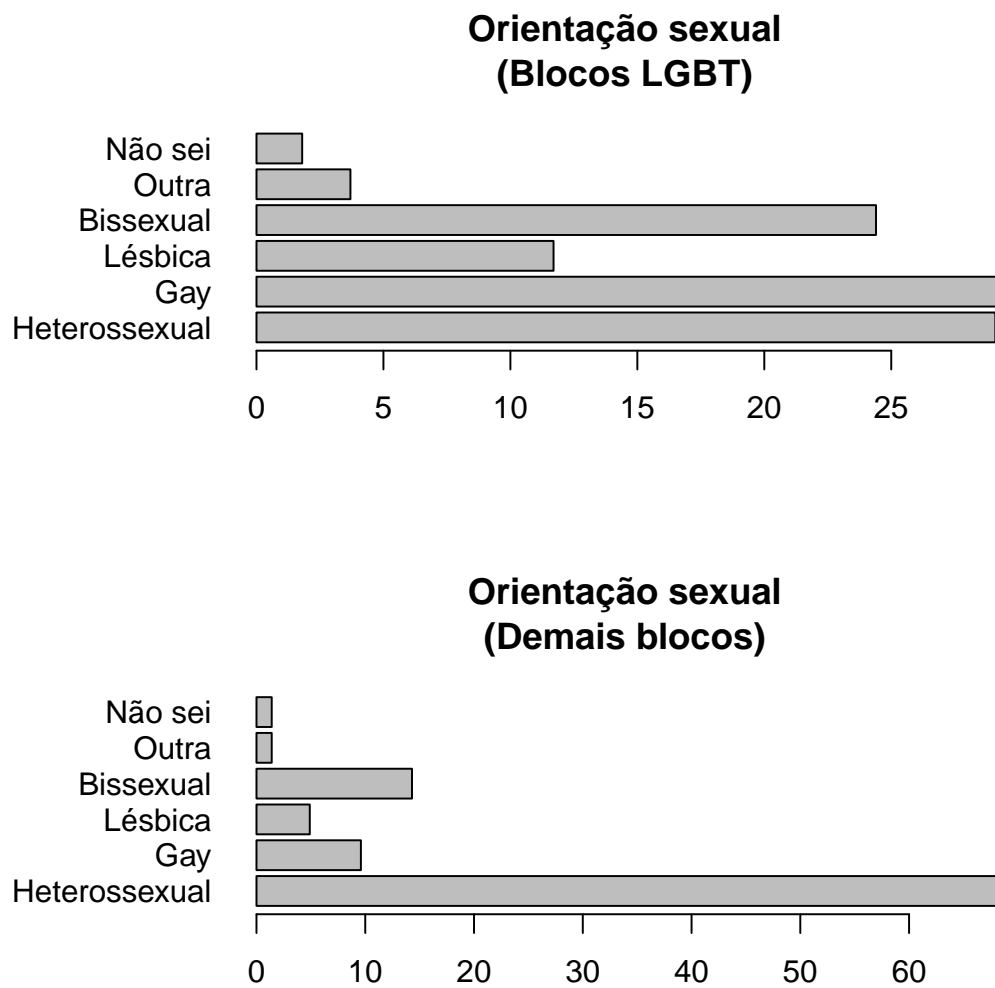


Figura 2.2: Perfil socioeconômico das entrevistas e entrevistados: orientação sexual por categoria do bloco

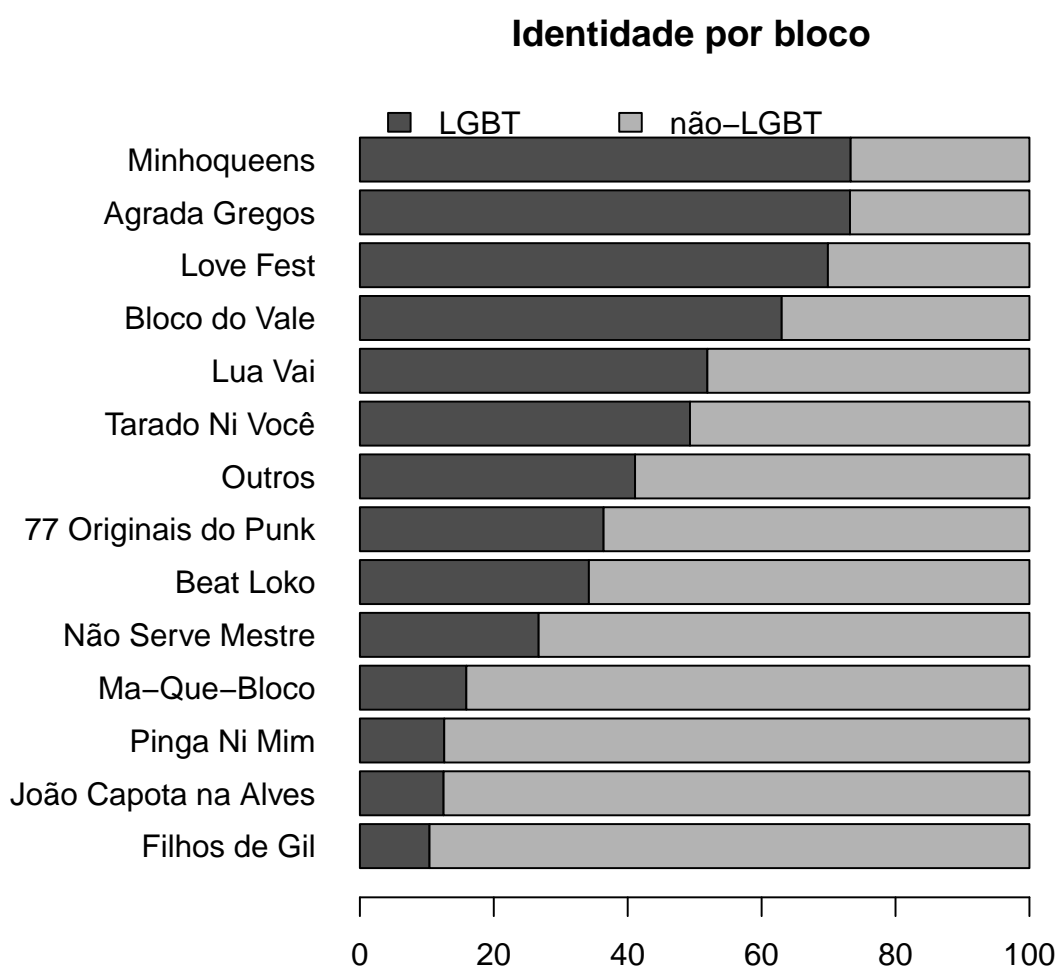


Figura 2.3: Perfil socioeconômico das entrevistas e entrevistados: identidade por bloco

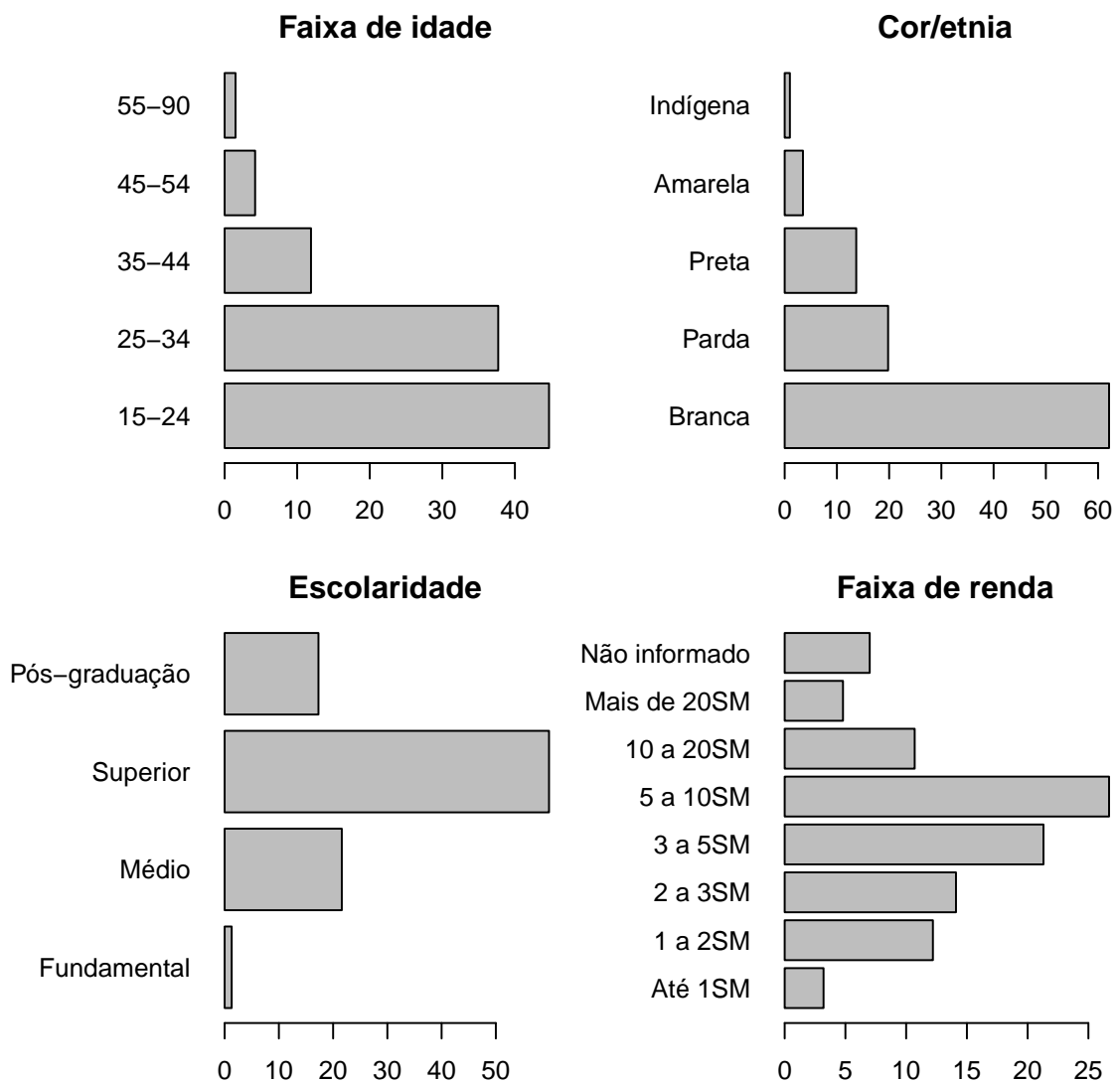


Figura 2.4: Perfil socioeconômico das entrevistas e entrevistados: idade, cor, escolaridade e renda



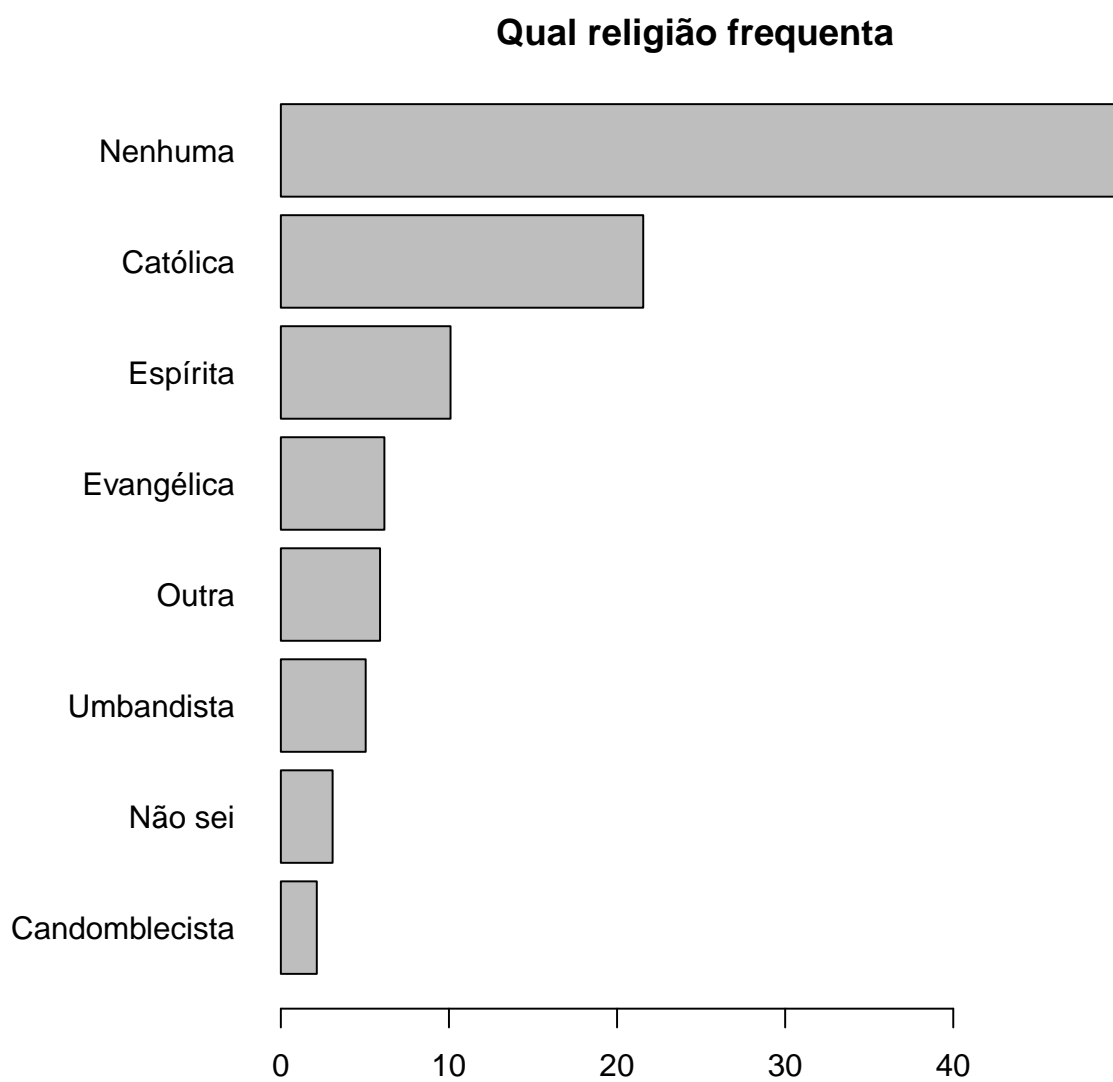


Figura 2.5: Perfil socioeconômico das entrevistas e entrevistados: religião

## 2.2 Agressão e LGBTfobia

A pesquisa incluiu dois grupos de perguntas para estimar o nível de agressão sofrido pela população LGBT no período do carnaval. Primeiro, foi perguntado aos entrevistados se elas e eles haviam presenciado casos de beijos forçados, encoaxadas ou corpos tocados sem consentimento, agressão física, agressão verbal ou abuso sexual. No total, 80% dos entrevistados reportou ter presenciado pelo menos uma dessas categorias. O perfil de respostas nesse grupo de perguntas é semelhante entre homens e mulheres e LGBTs e não-LGBTs. Para comparação, 58% das mulheres LGBT reportou ter presenciado casos de beijos forçados durante o carnaval, contra 50% dos homens não-LGBT.

Em um segundo bloco de perguntas, foi perguntado a cada entrevistado ou entrevistada qual desses tipos de agressão ela ou ele já havia sofrido durante algum carnaval. Neste bloco, 49% das entrevistadas e entrevistados relatou já ter sofrido alguma das agressões listadas. E neste caso, há uma larga diferença entre a violência reportada por homens não-LGBT e por pessoas LGBT e mulheres. Enquanto a proporção de homens não-LGBT que já sofreu beijos forçados foi de 3%, a de mulheres LGBT é de 24%. Entre as pessoas identificadas como transexuais ou travestis, essa figura sobe para 33%. Isso significa que mulheres LGBT estão 7 vezes mais expostas a beijos forçados durante o carnaval do que homens não-LGBT, e pessoas transexuais e travestis estão 10 vezes mais expostas. As figuras abaixo trazem essas estatísticas para diferentes seções da população de estudo.

Também foi investigado quantas dessas agressões foram denunciadas à polícia. No total, apenas 8.9% das pessoas que sofreram alguma agressão tentaram denunciar à polícia, e dessas, 68% não conseguiram completar a denúncia. Isso indica que todos os indicadores oficiais sobre violência no carnaval são sub-representados por pelo menos uma ordem de grandeza. As diferenças nas taxas de tentativa de denúncia por gênero e orientação sexual estão dentro das respectivas margens de erro.

Para os entrevistados que não tentaram realizar a denúncia, foi perguntado o motivo pelo qual não tentaram. A resposta mais frequente foi o sentimento de que a denúncia “não dá em nada”, resposta escolhida por 45% dos entrevistados e entrevistadas, seguida de “não consegui identificar o agressor”, escolhida por 28%. A resposta “não achei que fosse crime” foi selecionada por apenas 13% dos entrevistados, indicando que a maioria das pessoas que não denuncia a agressão ainda a vê como crime. Merece destaque ainda a resposta “medo de reação do agressor”, citada por 7.4% das mulheres LGBT, mas por nenhum homem não-LGBT.

Entre os entrevistados que tentaram, mas não conseguiram realizar a denúncia, foi perguntado o motivo pelo qual não conseguiram. As três respostas oferecidas foram selecionadas por um grande número de entrevistados (“não consegui identificar o agressor”, “tinha de esperar muito tempo na delegacia” e “fui desencorajado/a a fazer a denúncia”), mas a amostra para essa questão é muito pequena para fazer mais inferências.

Finalmente, foi perguntado a todos os entrevistados se haviam passado por uma situação de violência com a polícia. No total, 22% reportaram algum tipo de violência policial, com assédio moral e bombas de gás sendo os tipos mais comuns, com 10% de respostas cada. Em todas as categorias, o risco de que uma pessoa LGBT

passar por alguma dessas situações de violência policial é de uma vez e meia a duas vezes e meia maior do que uma pessoa não-LGBT do mesmo gênero.

## 2.3 Segurança, representatividade e apoio à causa

Foi perguntado a todos os entrevistados que estavam em blocos identificados como LGBT por que motivos eles estavam em um bloco LGBT. O motivo “diversão” foi apontado por 79% dos entrevistados, com pouca distinção entre homens, mulheres, LGBTs ou não. No entanto “sentir segurança” também foi um fator muito importante para mulheres (e) LGBTs: enquanto 21% dos homens não-LGBT escolheram essa opção, ela foi selecionada por 44% das mulheres e homens LGBT. A opção “evitar assédio” teve maior resposta entre mulheres (36%) do que homens (13%). Finalmente, a opção “apoiar a causa” foi escolhida por 51% das pessoas LGBT entrevistadas, mostrando que existir livremente no carnaval é visto como ato político por uma fração importante da população.

A seguir, foi perguntado às pessoas LGBT entrevistadas em blocos LGBT se elas frequentavam outros blocos que não fossem LGBT, e caso contrário, por que não. 31% dos entrevistados e entrevistadas relatou não frequentar blocos não-LGBT. Entre as mulheres, 66% listaram medo de assédio, enquanto 56% dos homens listaram medo de discriminação.

Para ajudar a identificar se a imagem de uma maior liberdade sexual durante o carnaval corresponde à realidade, foi perguntado aos frequentadores heterossexuais do carnaval como eles se sentiam ao ver dois homens se beijando, como eles se sentiam ao ser paquerados por alguém do mesmo gênero, e se eles já haviam beijado alguém do mesmo gênero durante o carnaval. Nas duas primeiras perguntas, mais da metade dos entrevistados selecionou a opção “indiferente”, mostrando um grau intermediário de conforto com a situação. Na última pergunta, 20% das mulheres heterossexuais reportaram já haver beijado alguém do mesmo gênero durante o carnaval, versus 8% dos homens heterossexuais. As respostas de pessoas mais jovens e com mais escolaridade foram, no geral, mais liberais.

Ainda, os entrevistados foram questionados sobre quatro pautas do movimento LGBT, e embora o apoio a essas pautas seja maior na população LGBT, ele ainda é muito forte na população não-LGBT: a questão sobre “educação de crianças e adolescentes sobre diversidade sexual” teve 94% a favor entre os entrevistados LGBT, e 82% entre os não-LGBT.

Finalmente, foi perguntado em quem os entrevistados votariam para presidente caso a eleição fosse hoje, com uma resposta estimulada. O ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad aparece com 26% das respostas entre a população LGBT e 19% entre a população não-LGBT. Ciro Gomes é o segundo mais citado em ambas as populações, com 9%, e os demais candidatos se encontram empatados, com diferenças dentro da margem de erro da pesquisa.

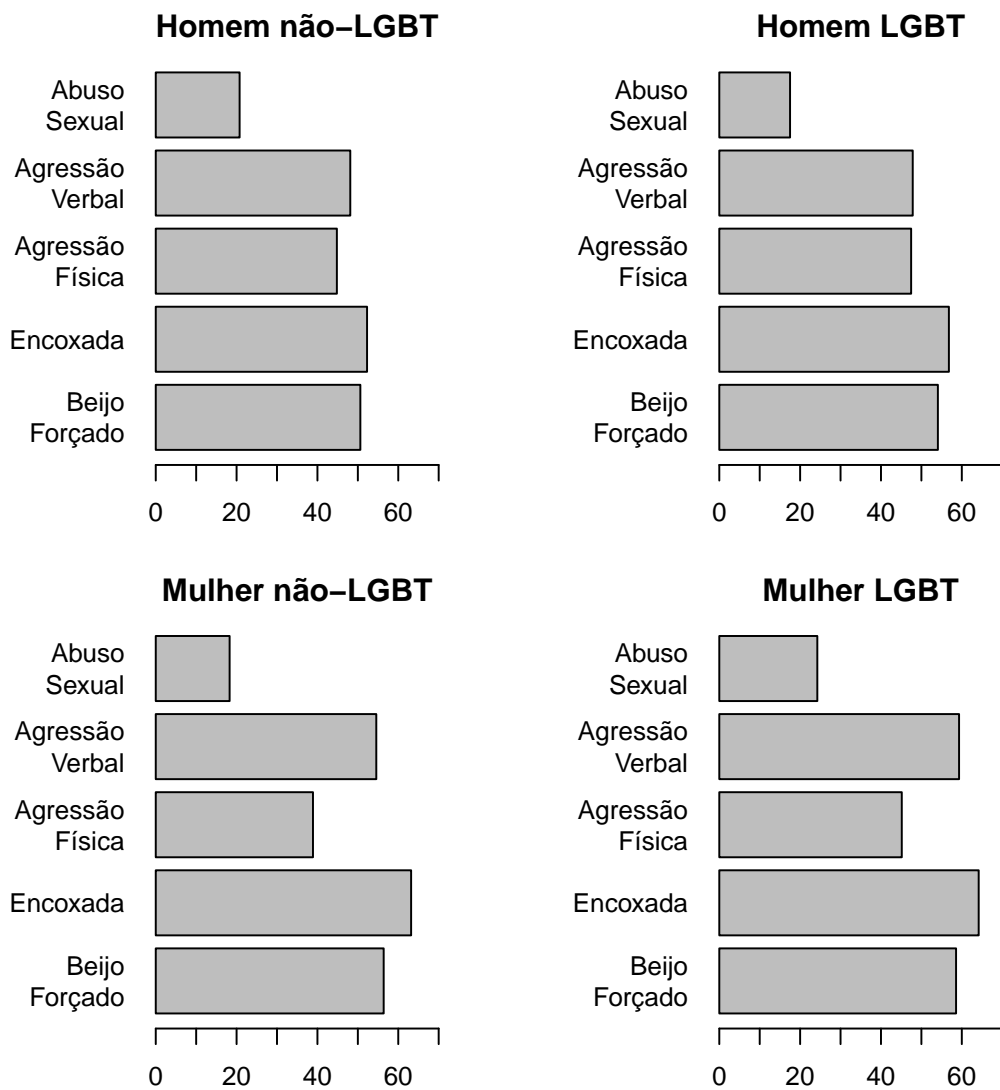


Figura 2.6: Agressão e LGBTfobia. “Você já viu acontecer com **outra pessoa** alguma das seguintes situações em algum carnaval?”

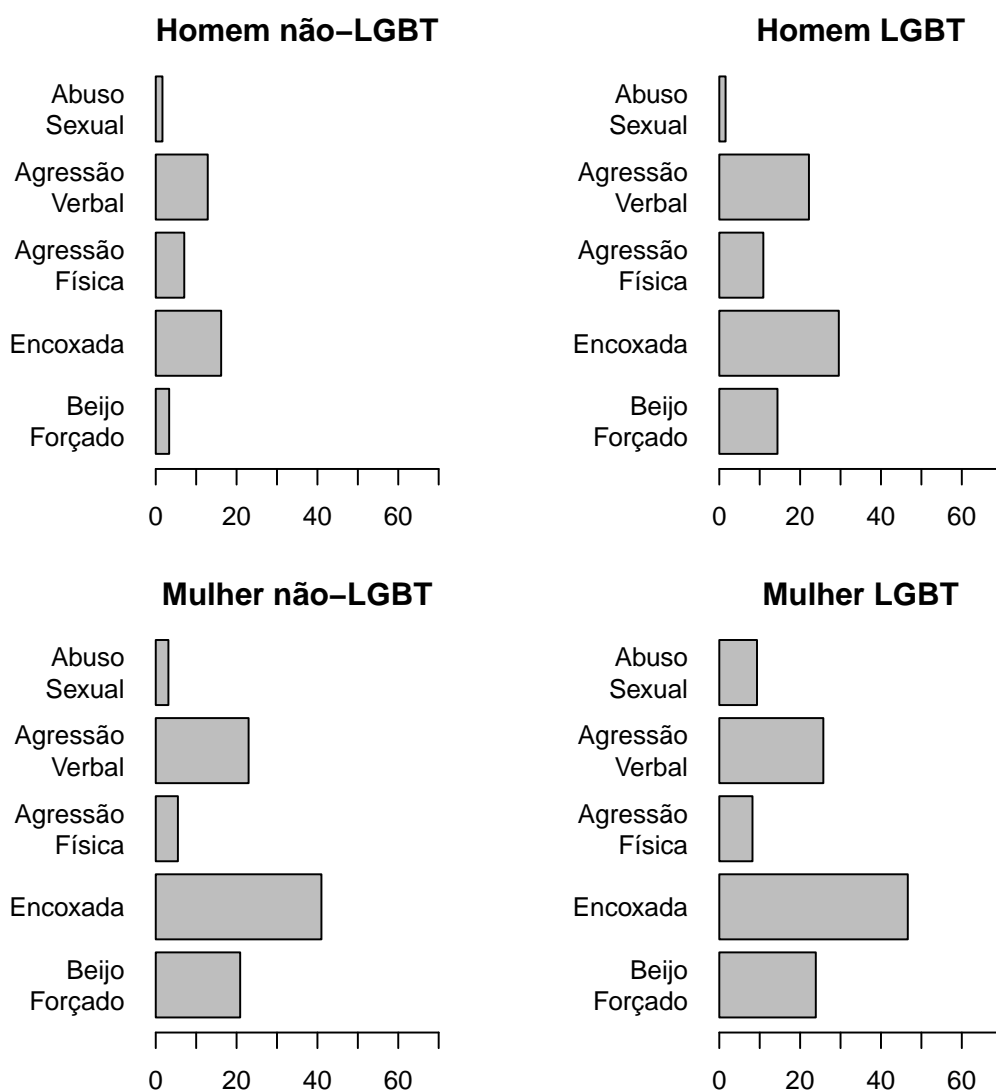


Figura 2.7: Agressão e LGBTfobia. “Já aconteceu **com você** alguma das seguintes situações em algum carnaval?”

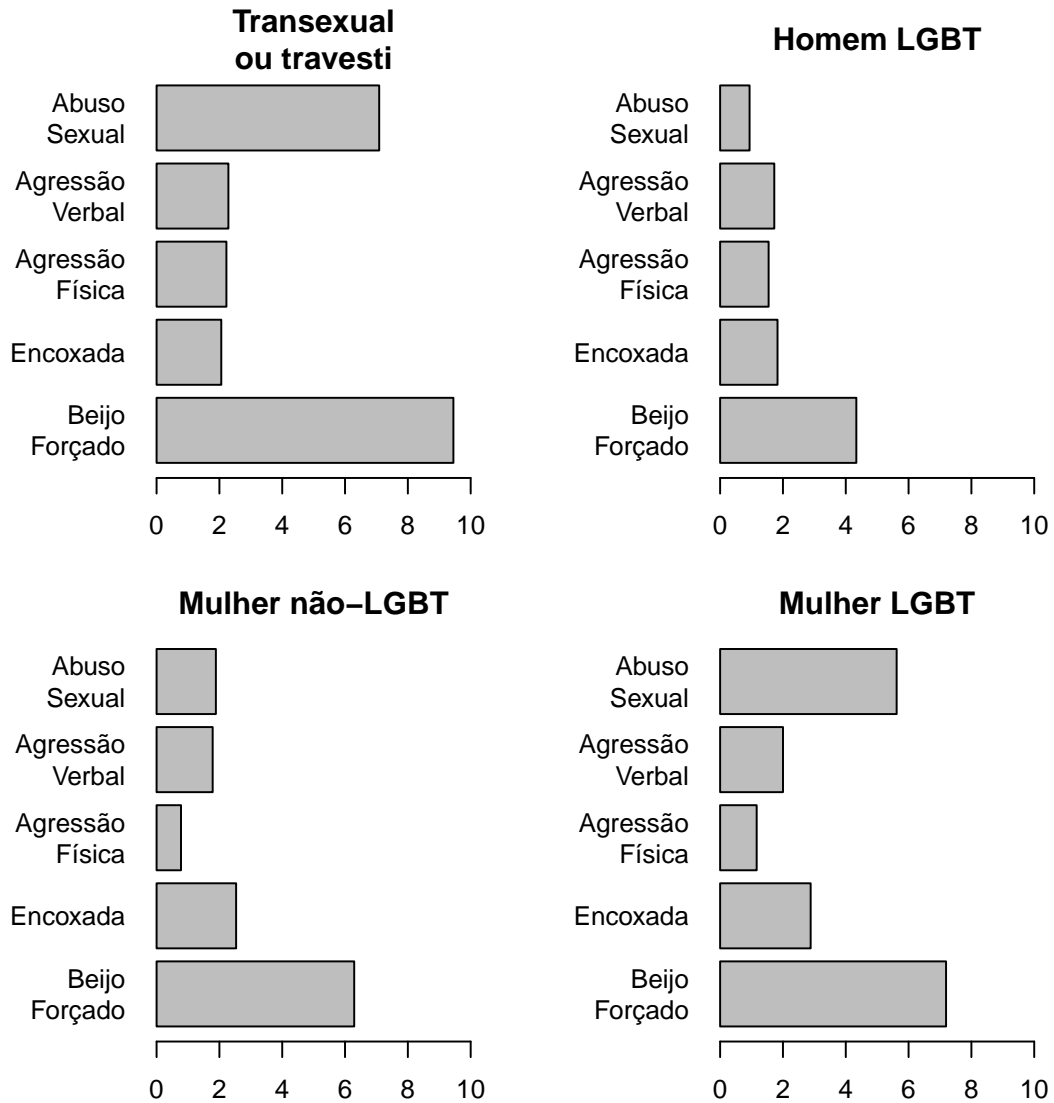


Figura 2.8: Agressão e LGBTfobia. Quantas vezes mais exposta uma população está exposta a cada tipo de violência em relação a homens não-LGBT.

### Você denunciou a agressão?

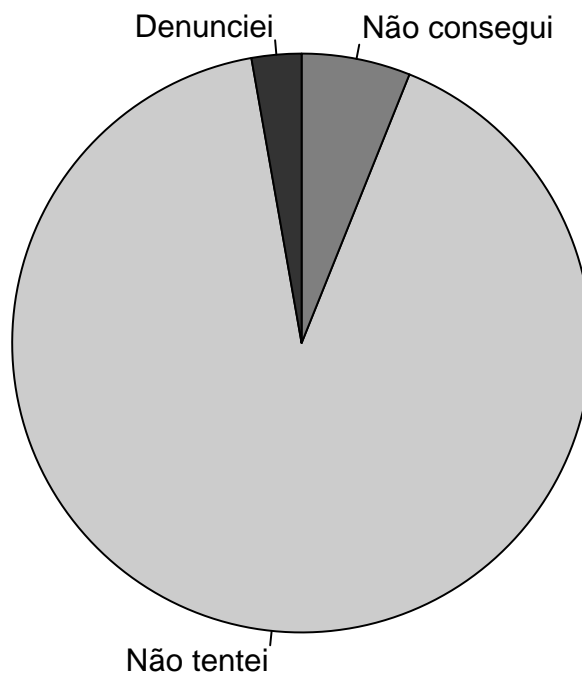


Figura 2.9: Agressão e LGBTfobia. Você denunciou a agressão para a polícia?

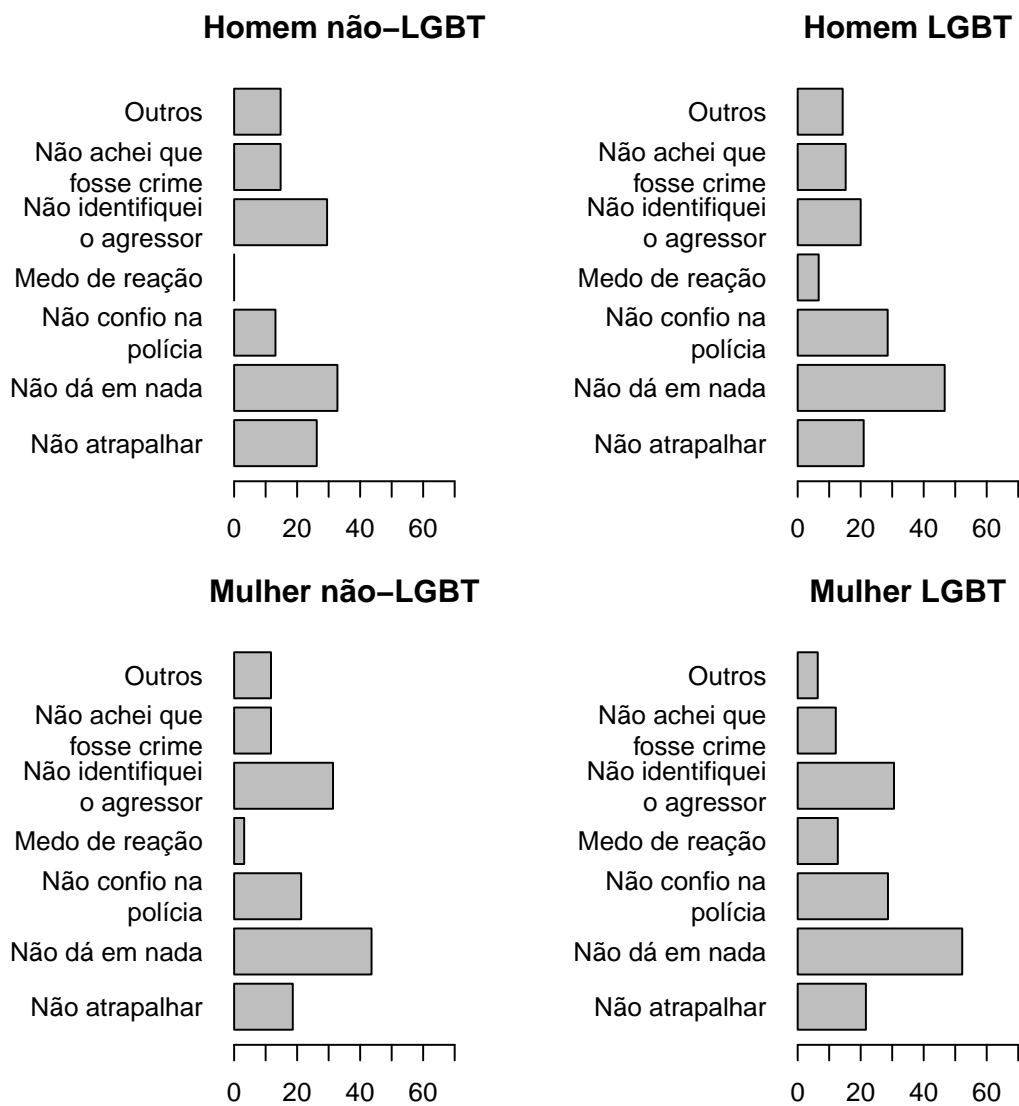


Figura 2.10: Agressão e LGBTfobia. “Por que você **não tentou** denunciar a agressão”



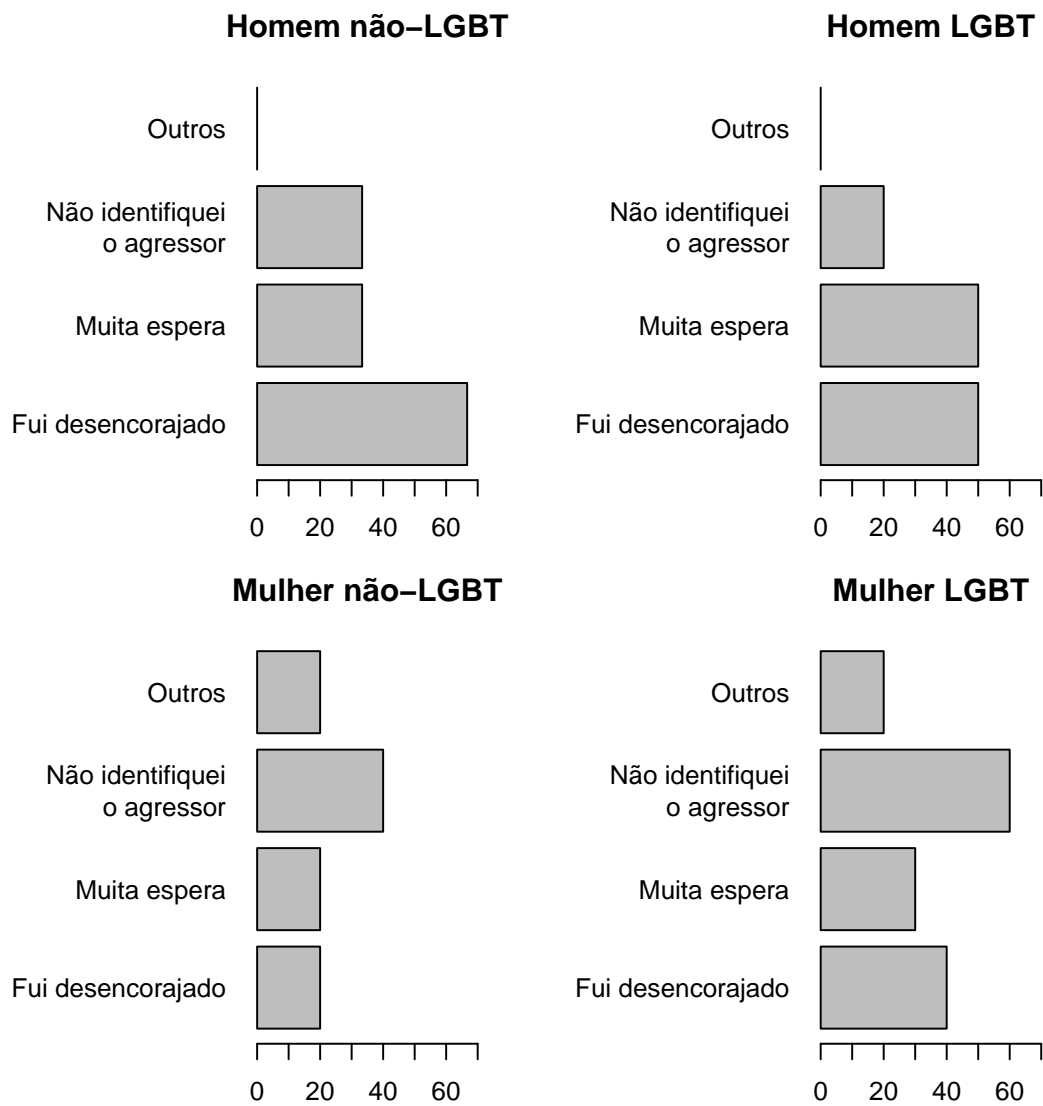


Figura 2.11: Agressão e LGBTfobia. “Por que você **não conseguiu** denunciar a agressão”

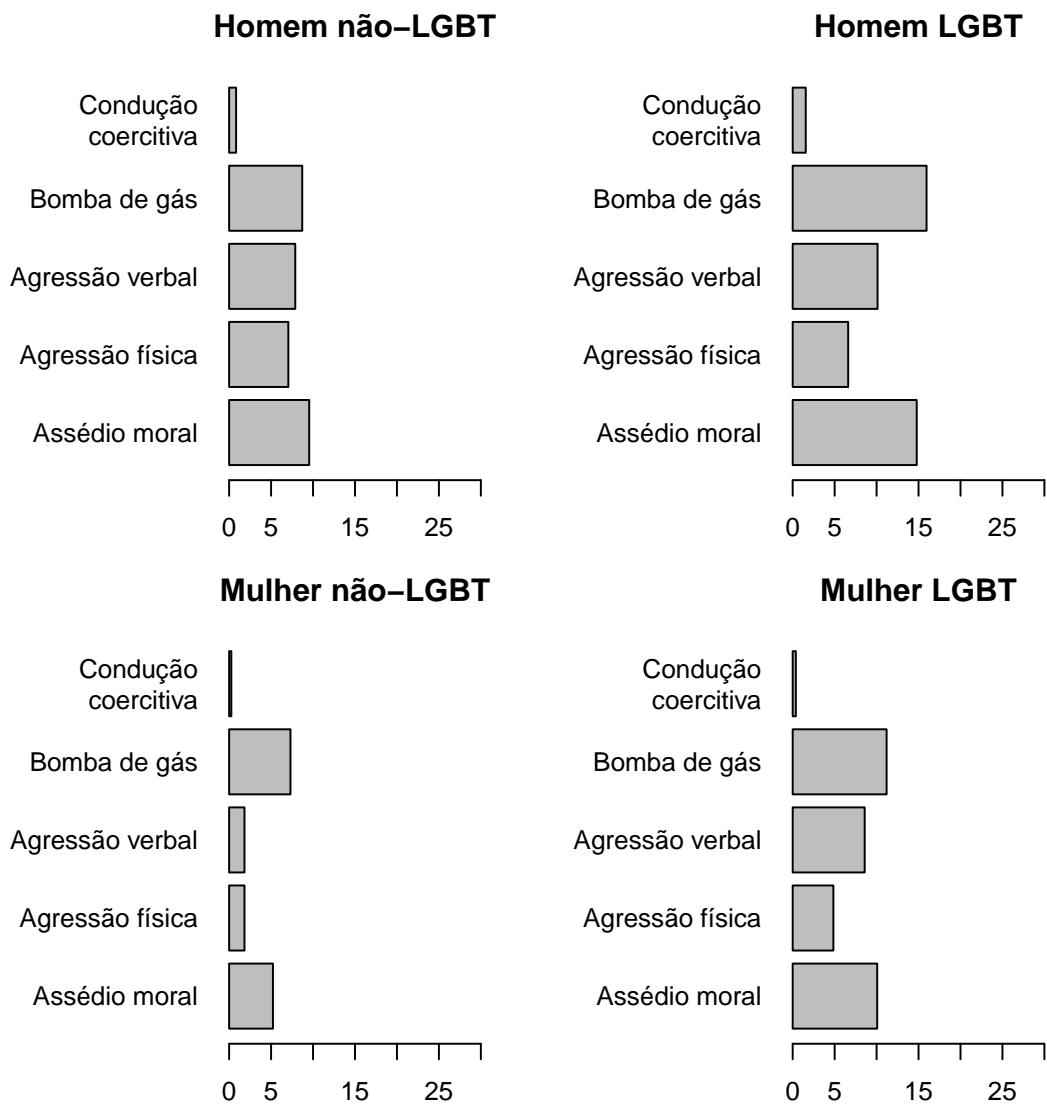


Figura 2.12: Agressão e LGBTfobia. “Você passou por alguma dessas situações com a polícia?”

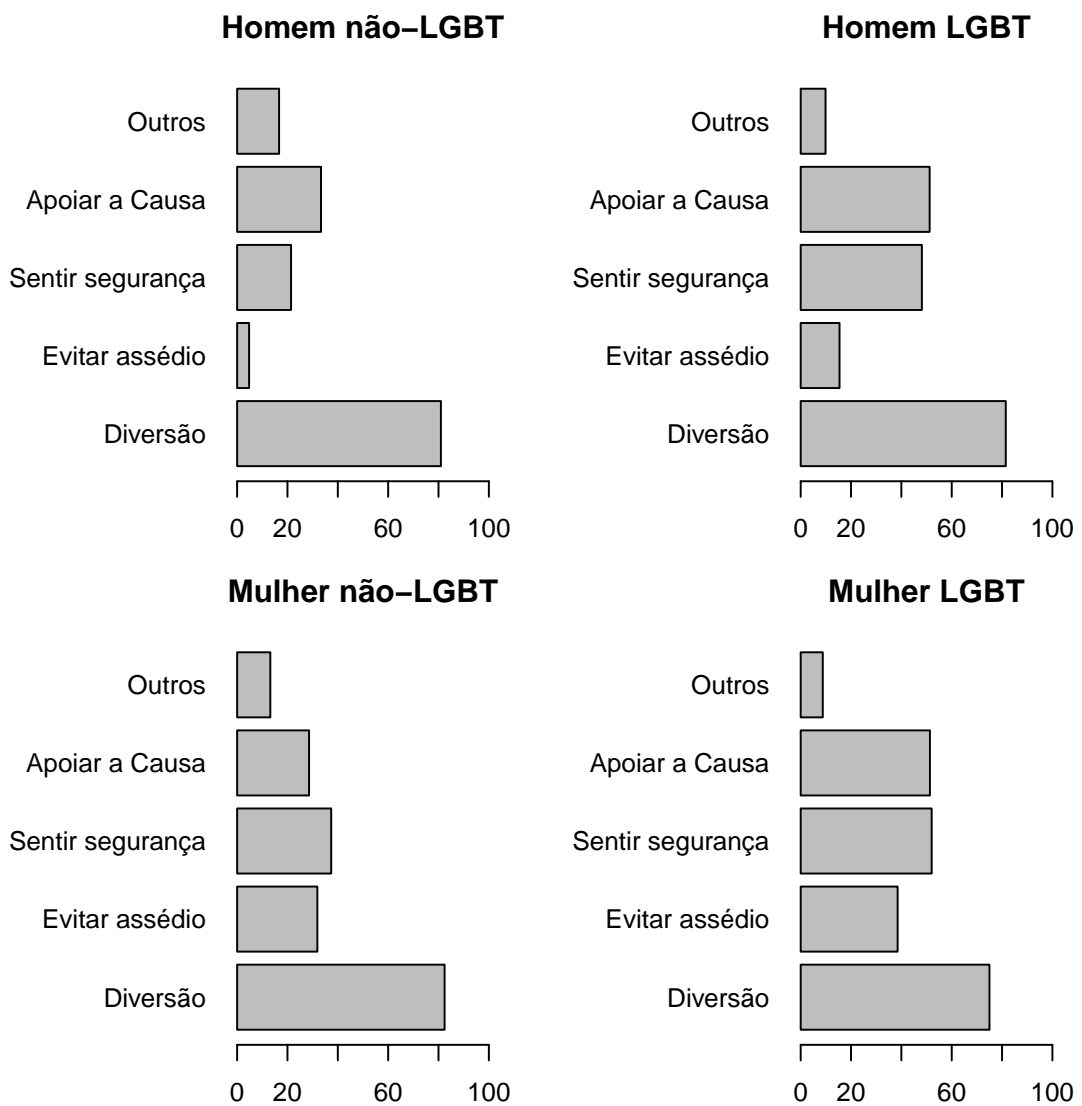


Figura 2.13: Segurança, representatividade e apoio à causa: “Por que você veio a um bloco LGBT”

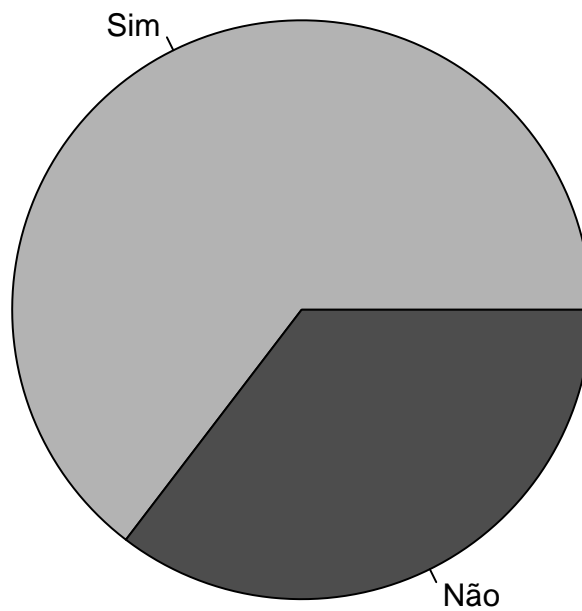
**Você frequenta blocos não-LGBT?**

Figura 2.14: Segurança, representatividade e apoio à causa: “Você frequenta blocos não-LGBT?” \* somente pessoas LGBT

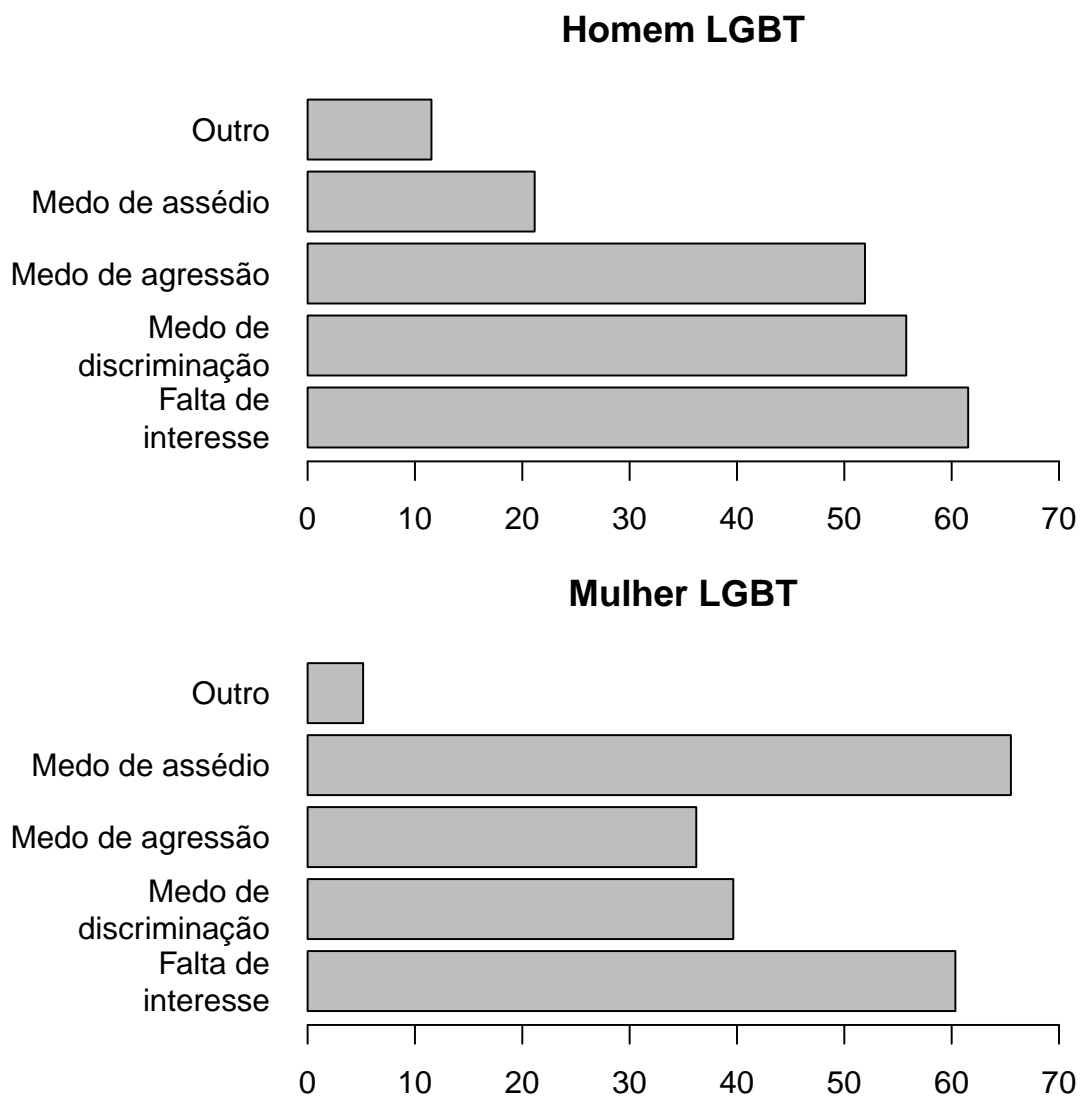


Figura 2.15: Segurança, representatividade e apoio à causa: “Por que você não frequenta blocos não-LGBT?”

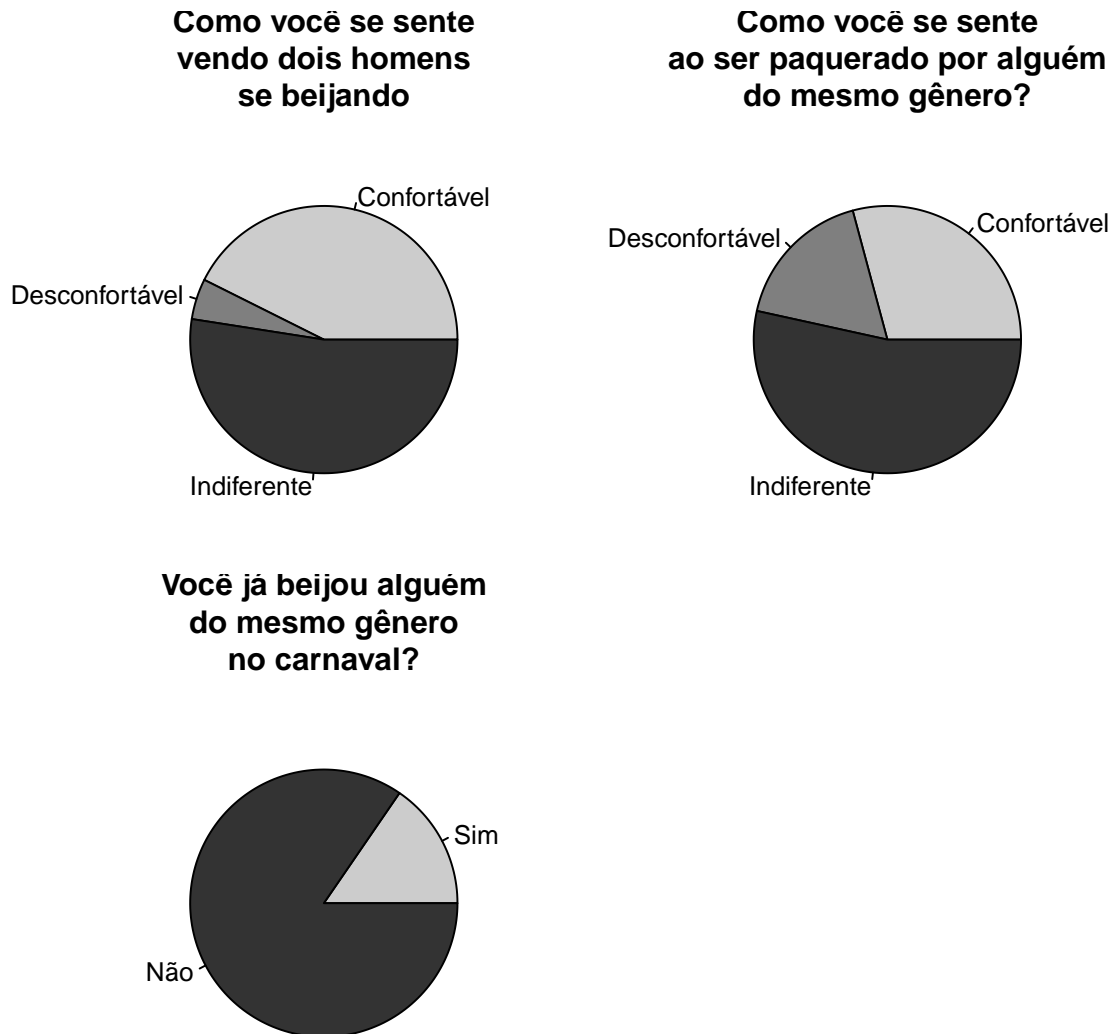


Figura 2.16: Segurança, representatividade e apoio à causa: questões sobre liberdade sexual

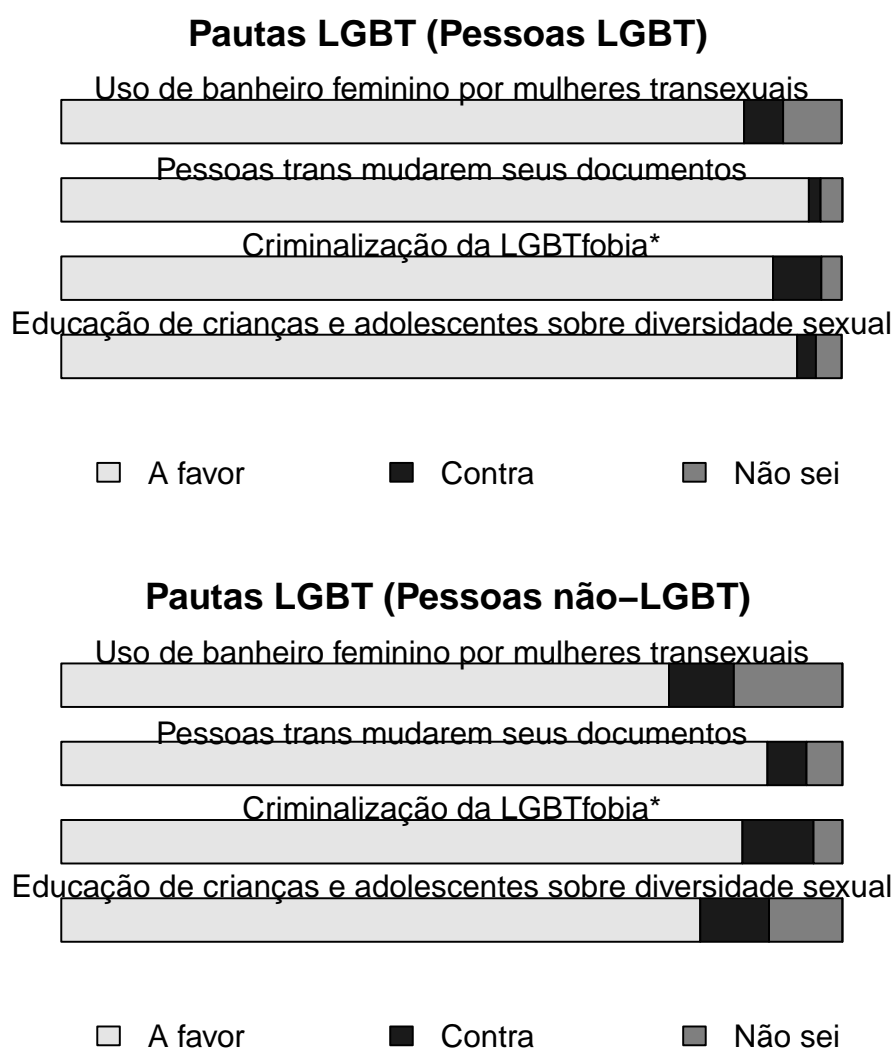


Figura 2.17: Segurança, representatividade e apoio à causa: pautas do movimento LGBT

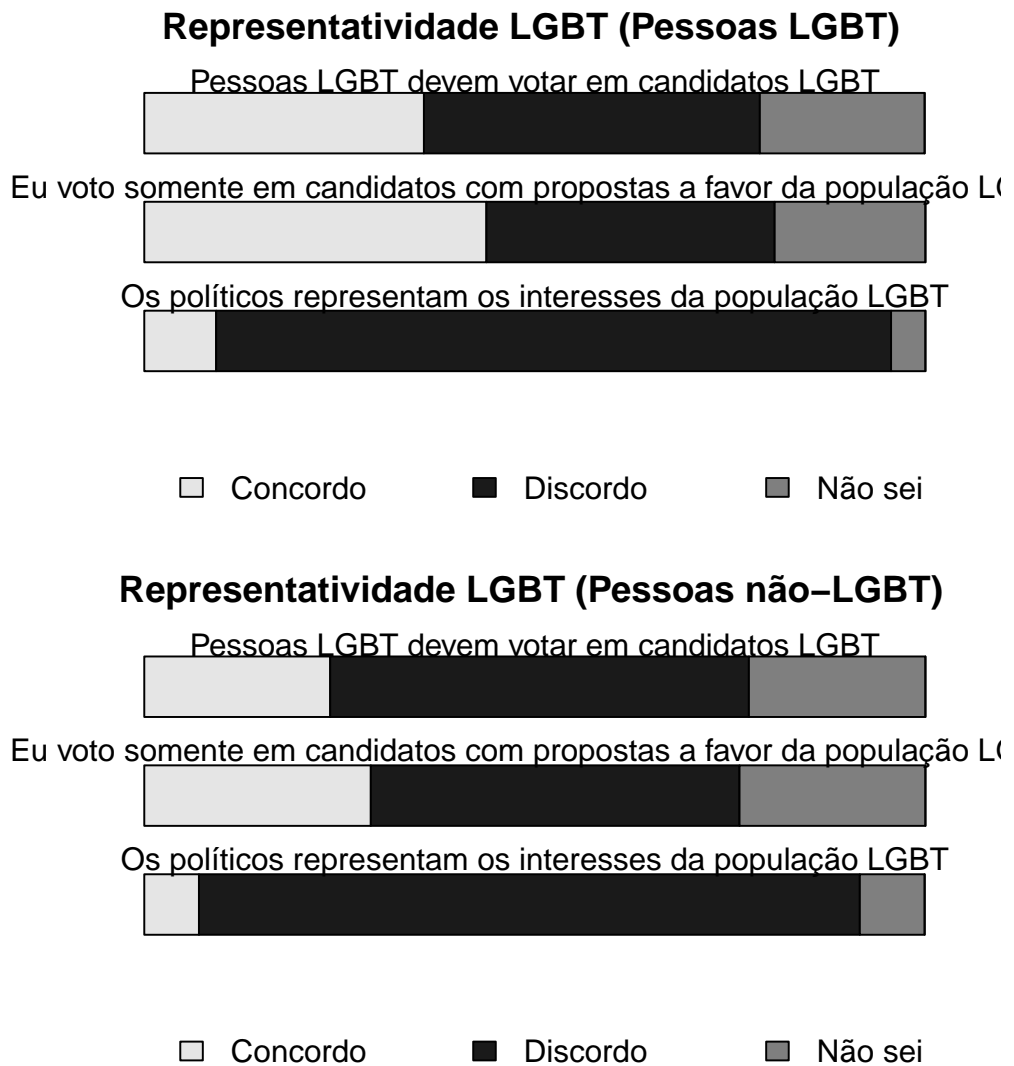


Figura 2.18: Segurança, representatividade e apoio à causa: representatividade LGBT



**Em quem votaria para presidenm quem votaria para presidente**

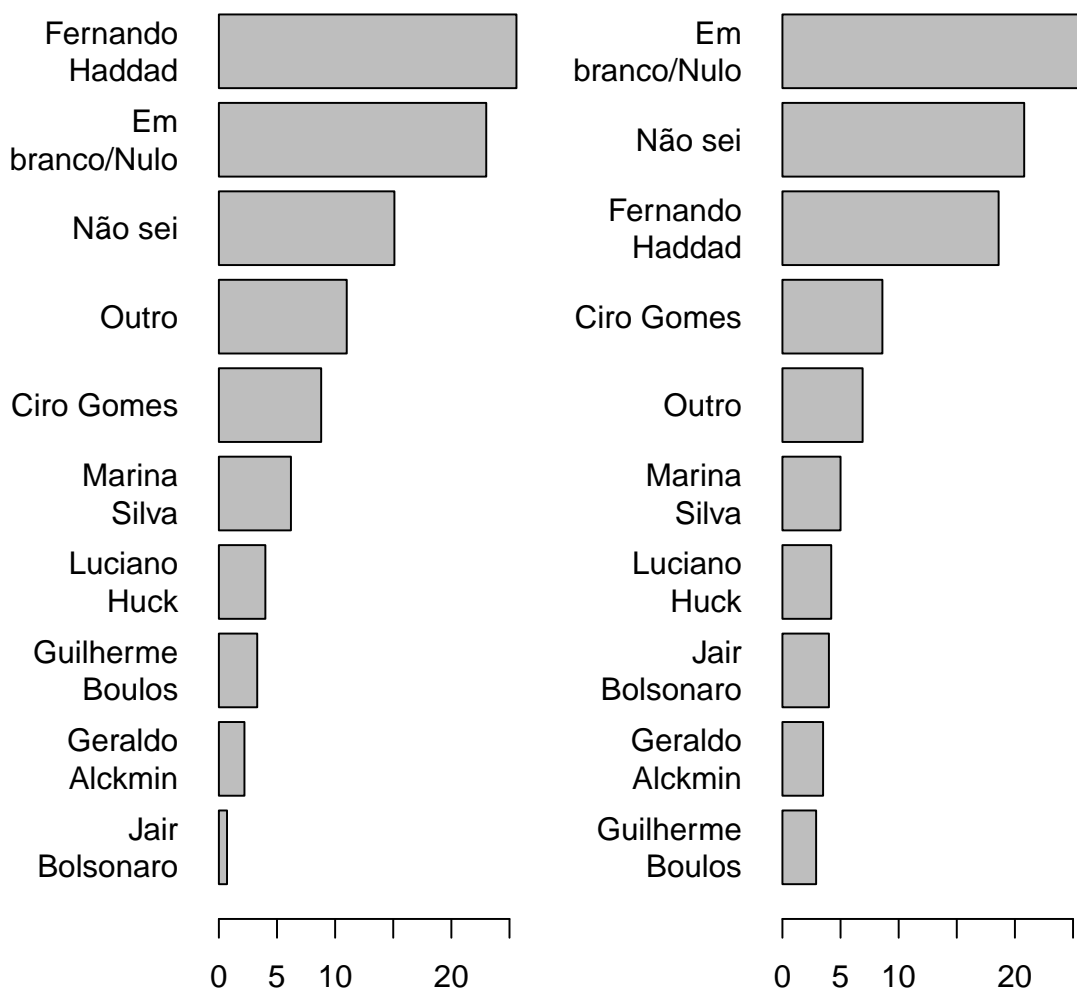


Figura 2.19: Segurança, representatividade e apoio à causa: se a eleição fosse hoje, em quem votaria para presidente